



A Universidade em Manchete – Análise da Estética e da Diagramação da Primeira Página no Jornal Universitário: Estudo de Caso Jornal da USP.¹

Carla de Araujo Risso²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O *Jornal da USP* é o veículo mais antigo na categoria de jornalismo universitário institucional do Brasil. Exerce sua função de mediador de uma instituição que, por seu caráter e por sua função social, tem uma elevada produção de notícias. Para cumprir sua tarefa de divulgação científica e de integração comunitária, o jornal universitário, como qualquer outro veículo midiático (comercial ou não), deve procurar atender aos requisitos estéticos de seus públicos. Este artigo, fruto de pesquisa, procura investigar, em meio a um cenário de evolução técnica das artes gráficas, como o *Jornal da USP* construiu sua identidade em mais de duas décadas de existência. Considerando o jornal impresso como um produto cultural inserido em uma sociedade, empreendeu-se o estudo da história do jornal universitário assim como a análise do contexto político da universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Semanário; Primeiras Páginas; Linguagem Visual; Universidade.

INTRODUÇÃO

Há muito já se constatou que a existência de meios de comunicação jornalísticos em uma universidade é absolutamente necessária. Afinal, por seu caráter e por sua função social, esse tipo de instituição tem uma elevada produção de notícias. Tal necessidade de comunicação jornalística nos meios acadêmicos foi sendo suprida pelo surgimento de vários veículos que, ao longo do tempo, experimentaram diversas transformações – fossem estas relacionadas à situação política interna e externa a universidade, fossem relacionadas ao desenvolvimento técnico e tecnológico dos processos de produção.

Em sua tese de doutorado *Universidade no Jornal* (1990), Laurindo Leal Filho observou que todos esses veículos, com variações internas de grau, sempre emitem um discurso híbrido entre a divulgação científica para a sociedade em geral e o diálogo com a comunidade universitária. O professor doutor da USP acredita que “qualquer avanço na pluralidade de informações contidas num jornal universitário só pode ser consequência do estágio da consciência e da prática democrática alcançado pela comunidade que integra a instituição.” (LEAL FILHO, 1990, p.140).

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do programa de Ciências da Comunicação da ECA/USP sob orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes. Docente do Curso de Comunicação Social do UNIFIEO. email: carlarisso@usp.br



Porém, apenas o conteúdo informativo de uma mídia universitária não é suficiente para conquistar o seu público. Para Maurice Mouillaud (MOUILLAUD, 1997, p. 29.), o dispositivo não é um mero suporte, mas sim uma matriz onde se inscrevem os conteúdos. Sendo assim, o dispositivo precede os textos que nele se inserem, pois sua existência determina não apenas uma matéria, mas um formato e, conseqüentemente, uma duração. O acondicionamento de um produto – a sua embalagem – prepara o consumidor para o sentido que este contém. A forma de uma publicação é sua especificidade, é o seu modo de estruturação de espaço e do tempo. A análise da estrutura do dispositivo de um veículo impresso tem a mesma relevância da análise do discurso arquitetônico empreendida por Umberto Eco. Os signos gráficos de um jornal, entendidos como “unidades do código gráfico”, compõem um sistema de manufatos e espaços circunscritos com base em sistemas de convenções (códigos), os quais comunicam funções possíveis – as funcionalistas (destacar parte do conteúdo, indicar um caminho a ser percorrido pelos olhos etc.) e as simbólicas. São, portanto, além de atos práticos, unidades culturais. (ECO, 1974, p.135)

Há também que se ressaltar que a sociedade de hoje caracteriza-se como uma sociedade da informação, imersa num mundo em que se produz diariamente uma grande quantidade de mensagens e apelos visuais. Para cumprir sua tarefa de divulgação científica e de integração comunitária, o jornal universitário, como qualquer outro veículo midiático (comercial ou não), deve também procurar atender aos requisitos estéticos de seus públicos.

Diante desse quadro, cabe-nos perguntar como essas questões estéticas são tratadas pelo *Jornal da USP*, um veículo acadêmico produzido por uma das maiores universidades do país. A qualidade do *Jornal da USP* foi reconhecida pelo menos em três prêmios: Melhor Diagramação do Ano – conferido pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo, 1991; Veículo Jornalístico do Ano – conferido pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 2000; Troféu Antonio Bento da ABCA, como melhor divulgador de Cultura em 2008, categoria veículo impresso. Trata-se de uma publicação muito particular no meio acadêmico por suas características gráficas e sua diagramação diferenciada – uma matéria por página, geralmente ilustrada com imagens bem grandes. Esteticamente, o *Jornal da USP* se assemelha a uma revista impressa no formato de jornal. Fugindo das medidas do tablóide ou do tamanho ofício – tão largamente utilizados no meio acadêmico –, esse veículo adquiriu uma identidade visual muito forte. Mas nem sempre foi assim.

Essa pesquisa foi movida pela curiosidade em resgatar essas e várias outras mudanças e pelo desejo de procurar identificar – em meio a essas transformações – a construção de uma estabilidade do perfil do jornal. Partindo de questões como padronização gráfica, projeto editorial, projeto gráfico, diagramação e ilustrações, procuramos efetuar um estudo historiográfico empregando conceitos de estética, percepção visual e identificação da



problemática do discurso gráfico. Buscamos nas Artes Gráficas os subsídios para o desenvolvimento dos diversos segmentos de uma programação visual equilibrada da página impressa, através de um projeto de diagramação planejada.

Essa análise debruça-se sobre as primeiras páginas do *Jornal da USP*, procurando detectar e compreender quais relações causais podem ocorrer entre as mudanças tecnológicas e as transformações morfológicas dessa publicação desde a sua fundação até os dias de hoje. Apresentando o processo histórico do jornal, a seguir, traçamos o perfil morfológico da publicação sem, contudo, enveredarmos-nos pelo terreno de análise de recepção.

A investigação foca-se no processo de solidificação da imagem do *Jornal da USP* e como esse veículo adquiriu sua identidade visual. Buscamos também descobrir quais foram as contingências e o que foi necessário para esse veículo atingir sua morfologia atual. A posse dessas respostas nos conduziu para um outro caminho: a relação de poder que existe dentro da universidade permeia a linguagem gráfica do *Jornal da USP* de modo tão intenso que acabou impondo a sua análise neste artigo.

O jornalismo universitário

E assim como os jornais são sucessores das gazetas manuscritas, surgidas na Itália para alardear os acontecimentos sociais, o jornalismo universitário pode ser considerado o sucessor dos panfletos estudantis, dos boletins das entidades de professores e funcionários e das notas oficiais administrativas. Segundo Laurindo Leal Filho, a história dos jornais universitários no Brasil começou na década de 70 e sua evolução histórica inicia-se, em primeiro lugar, com o surgimento de jornais estudantis corporativos (LEAL FILHO, 1990, p.32).

Dos jornais ligados ao movimento estudantil, surgiram os jornais laboratoriais, feitos por estudantes de comunicação. Com o fim da ditadura militar, os diferentes segmentos universitários – alunos, professores e funcionários – perceberam a necessidade de se fazer circular informações de seu interesse. Um exemplo foi a longa greve das universidades federais em 1984, que mostrou claramente aos professores a distância que havia entre o público e a universidade. Como consequência, começaram a ser publicados os jornais ligados a sindicatos de professores e funcionários. No ano seguinte, nasce o *Jornal da USP*, o primeiro jornal universitário institucional do país.

A imprensa na USP

Antes do nascimento do JUSP, no período, de 1951 a 1974, é publicado o *Noticiário para a Imprensa*, uma coleção de notas produzidas diariamente pela USP para distribuição aos meios de comunicação. Trata-se de um volume de quase 12 mil notícias, reunidas em 35 volumes no Banco de Dados da Coordenadoria de Comunicação Social / USP. A partir de 1971, a USP procura criar boletins e jornais de circulação constante, como o *Boletim de Notícias* e o *USP*



Notícias. De 1976 a 1984, aparece o *USP Informações*, que teve 130 números publicados até dar lugar ao *Jornal da USP*.

Jornal da USP, o jornal da Universidade de São Paulo

O *Jornal da USP* se enquadra na categoria de “jornalismo universitário institucional”. E definir essa categoria não é uma tarefa fácil por tratar-se de

“uma publicação vinculada a uma instituição peculiar dentro da sociedade brasileira: um centro produtor e difusor de conhecimentos, prestador de serviços, autônomo constitucionalmente em relação a qualquer outra instituição e gerido internamente por mecanismos de decisão colegiados.” (LEAL FILHO, 1990, p. 33)

Por ser institucional, esse tipo de publicação muitas vezes é confundido com um *house organ*, veículo (jornal ou revista) de uma empresa ou entidade concebido, geralmente, para divulgar os fatos de interesse de seu público e as suas realizações. Diz Leal Filho:

“Os institucionais surgiram com uma dificuldade de perfil muito grande porque devem atender a três requisitos básicos: fazer circular a informação no interior dos campi, divulgar a produção científica e cultural da universidade e divulgar seu papel”...
...O problema central de qualquer meio de comunicação se refere ao seu financiamento, porque quem mantém se julga no direito de controlar”. (LEAL FILHO, 1998)

Em 1994, o jornalista Eugênio Bucci, no artigo *A missão, a crítica e o gibi*, questiona se o *Jornal da USP* deveria ser um veículo jornalístico ou um *house organ* da Reitoria. Ou seja, que postura deveria assumir o *Jornal da USP* frente à Reitoria?

Bucci argumenta que o *Jornal da USP* é hierarquicamente subordinado ao coordenador da Coordenadoria de Comunicação Social, um cargo de confiança do reitor, feito com o dinheiro público, controlado pela Reitoria e sua redação não é eleita, mas sim contratada (ou demitida) segundo os critérios do coordenador da CCS. Imaginar que o *Jornal da USP* possa estar livre desse vínculo é uma primeira ilusão vinculada ao que Bucci chama de “cultura residual” que, segundo ele, é a visão de alguns membros da esquerda traumatizados com o período autoritário da ditadura militar. Afinal, “é um veículo de uma instituição, a instituição da USP. Mas concebê-lo como um jornal “chapa branca”, além de ser uma acomodação, é um erro de comunicação. Supor que um jornal puramente oficialista possa ter algum êxito na USP é uma segunda ilusão.” (JUSP, 1994, p. 9) Para Bucci, a relação do *Jornal da USP* com os vários setores da comunidade não institucionalizada, apesar de cooperativa, não deveria ser sindical, corporativa, mas crítica. De outro lado, sua relação com a instituição da Reitoria, apesar de leal e franca, não pode ser a de um órgão meramente divulgador.

A história do Jornal da USP

O número 1 do *Jornal da USP*, publicado em junho de 1985, num dispositivo de papel sulfite, formato 21 X 32 cm, 8 páginas, impresso todo em preto e branco, sem ilustrações ou fotos,



ostentava – em sua capa dividida em uma malha de duas colunas – em destaque o texto do reitor Antonio Hélio Guerra Vieira:

Este “*Jornal da USP*”, que agora assoma na sua primeira edição, vem para servir, prioritariamente, à difusão das idéias e do saber produzidos na Universidade. Será uma ferramenta nova a dar dimensão pública ao que se diz, se pensa e se faz. Faremos, pois, um jornal que – embora tendo o corpo docente da própria USP como público preferencial – interessa a todos os segmentos da sociedade brasileira, de modo especial àqueles que, pela proeminência do saber e das responsabilidades, tem o poder ou o dever de interferir nos destinos nacionais.

E não foi à toa que o *Jornal da USP* foi criado tendo como público preferencial os professores da USP. A universidade estrutura-se em um sistema de castas, onde os indivíduos participam levando em conta sua qualificação para o trabalho. A casta superior é composta pelo corpo docente que, aos olhos do reitor Hélio Guerra Vieira, “constitui, inquestionavelmente, o mais influente, crítico e criativo núcleo de inteligência nacional, atuando no setor público e na iniciativa privada, na vida política e na estrutura social, na pesquisa científica e no desenvolvimento tecnológico.” (JUSP, 1985, p. 1).

Sendo assim, parece óbvio que só os membros do corpo docente possam assumir os cargos mais altos da administração da universidade: diretores de unidades, coordenadores, pró-reitores e reitor. São eles também a maioria absoluta do Conselho Universitário – órgão máximo da USP, com funções normativas e de planejamento, que estabelece a política geral da Universidade para a consecução de seus objetivos.

A justificativa é simples: o Estatuto e o Regimento Geral não outorgam representatividade aos diferentes órgãos associativos dos segmentos universitários por uma questão técnica legislativa que decorre do conceito de perenidade das instituições. Os alunos constituem um público transitório que, em média, passa apenas cinco anos na Universidade.

Quanto aos servidores não-docentes, apesar de seu número ser três vezes superior ao número de docentes, sem nenhuma justificativa além do preconceito, são considerados um público não-qualificado e menos preparado para gerir a universidade. São membros de uma casta inferior, sem grandes direitos participativos na gestão da USP.

A seguir veremos como a estrutura oligárquica e corporativista da USP terá grande influência no conteúdo e na forma do *Jornal da USP* – inclusive porque o JUSP foi criado e dirigido durante três anos por docentes.

O número dois dessa publicação de periodicidade originalmente mensal confirmava essa vocação. Outro texto assinado pelo reitor, o qual apresentava a proposta de um novo estatuto, mostra uma clara função do *Jornal da USP* na ocasião: ser porta-voz da Reitoria. Além de não trazer nenhuma matéria jornalística – apenas algumas notas em uma pequena coluna lateral –, e com uma diagramação semelhante a do Diário Oficial, o número 2 limitou-se a reproduzir, em 12 páginas, os onze artigos que compunham a proposta do novo estatuto. Esse foi o



produto do primeiro ano de existência desse veículo universitário: dois exemplares editados pelo professor Manoel Carlos Chaparro e uma falta de fôlego para levar o projeto à frente.

Em janeiro de 1986, com os mesmos padrões gráficos dos exemplares anteriores, foi impressa uma edição especial abordando a posse do novo reitor José Goldemberg em 17 de janeiro. A inovação ficou por conta da inserção de 10 fotos em suas 8 páginas.

Já o conteúdo continuava com ares corporativos: divulgavam-se os nomes dos ocupantes dos principais cargos administrativos da USP e uma chamada anunciava “o discurso do novo reitor na íntegra na página 2”. A presença do reitor, antes só demarcada por caracteres tipográficos, agora ganha a força da imagem fotográfica.

Em abril do mesmo ano, o *Jornal da USP* começou, de fato, a ser um veículo de publicação regular, cuja periodicidade mensal foi mantida até a edição de número 17, em agosto de 1987. Nesse período, com dez números editados pelo professor Ciro Marcondes Filho o JUSP experimenta sua primeira mudança editorial.

Mudança de linha editorial pressupõe uma mudança da linha visual. E é isso o que acontece. Muda-se o suporte. No lugar do papel sulfite entra o papel jornal. É criado um novo logotipo, composto em Letraset, fonte Avant Garde, com texto justificado, distribuído em duas linhas, sobre um fundo pontilhado. Observa-se uma interferência da letra “A” na letra “N” na palavra “JORNAL”. E a simetria aplicada aos exemplares anteriores é abandonada e substituída por uma grande variedade de elementos gráficos. E a grande quantidade de informação prejudica a fruição das mensagens.

Na edição de maio, nova mudança: o logotipo do JUSP passa a ser apresentado em uma linha - forma que se manterá até o fim de 1986.

Os números posteriores apresentam uma grande variação de uma capa para a outra. Isso se dá por vários motivos. Mas o principal fator que influenciou na apresentação gráfica diz respeito aos recursos humanos. Na época, o JUSP não contava com uma equipe destinada exclusivamente à sua elaboração. Os editores do *Jornal da USP* eram, antes de tudo, professores da ECA/USP. E a equipe de arte, subordinada à gráfica da então denominada CODAC (Coordenadoria de Atividades Culturais) – composta por um diagramador, dois técnicos e duas estagiárias –, tinha como atribuição principal a montagem de arte-final para os trabalhos a serem impressos na gráfica. No processo geral, o jornal era apenas mais um produto a ser inserido na linha de produção. Sem conseguir firmar a sua identidade, em agosto de 1986, o *Jornal da USP* ganha novamente outro logotipo e uma nova proposta de diagramação. Nesse período, o JUSP deixou de apresentar um amontoado de informação e diminuiu o número de chamadas. As capas também receberam suas primeiras ilustrações e os espaços brancos começaram a se fazer notar.



Em 1987, dessa vez com um novo projeto gráfico assinado por um designer especialmente contratado para desenvolver a cara do veículo, o JUSP volta a ser impresso em papel sulfite. Com um visual mais arrojado, fotos grandes e “sangradas”, os títulos e textos deixaram de ser produzidos na CODAC e passaram para uma fotocomposição terceirizada. Como de costume, o jornal mudou a sua assinatura. Só que agora, mais que uma simples mudança, visualmente, o JUSP oficializou sua essência e assumiu em sua identidade o próprio logotipo da USP.

Em setembro de 1987, em resposta a uma matéria polêmica sobre os salários dos professores integrantes do conselho universitário, publicada pelo *Jornal do Campus* – veículo laboratorial do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes –, o *Jornal da USP* solta uma edição especial de quatro páginas cuja capa ostenta uma carta assinada pelo reitor. Bastou uma crise interna na Universidade para a tão desejada autonomia do *Jornal da USP* frente à Reitoria ser assombrada pelo fantasma da intervenção da administração. A criação de uma edição especial saindo em defesa da Reitoria é um claro sinal de que o jornal é (ou pode ser) um veículo controlado.

A partir da edição 17, o *Jornal da USP* passa a ser semanal. Tornou-se, então, o primeiro jornal de universidade no país que atinge essa periodicidade. À frente do semanário está o também professor da ECA, Laurindo Leal Filho.

Diferentemente de outros veículos universitários, o *Jornal da USP* passou a contar com uma redação fixa para dar conta de um jornal semanal. E para viabilizar tecnicamente a nova periodicidade, o jornal passa a ser diagramado e impresso na Imesp (Imprensa Oficial do Estado de São Paulo). Além de manter o logotipo da Universidade, no cabeçalho inscrevia-se “Órgão oficial da Universidade de São Paulo”. Outras técnicas de impressão requerem outros processos. Sendo assim, para adequação às máquinas da Imesp, o *Jornal da USP* muda seu dispositivo – em novo formato tablóide, passa a ser impresso, definitivamente, em papel jornal. Ao privilegiar a agilidade na produção de informação, o JUSP perdeu sua identidade para adotar o estilo padrão de formatação de periódicos da Imesp. E assim se manteve até agosto de 1989 quando voltou a ser impresso no campus.

Um incidente com a Reitoria marcou a saída de Laurindo Leal Filho do comando do JUSP. O jornal *Folha de S.Paulo* havia publicado em fevereiro de 1988 uma lista com supostos professores improdutivos. A edição nº 35 do *Jornal da USP* trouxe três matérias a respeito do assunto.

“A administração mandou recolher o jornal e, depois, diante das imediatas reações internas e externas, a universidade resolveu distribuí-lo outra vez. Do incidente resultou a demissão por determinação do Reitor do Coordenador de Atividades Culturais da USP, a demissão a pedido do diretor do jornalismo e da editora do *Jornal da USP*.” (LEAL FILHO, 1990, p. 116)



Um dos legados do professor Laurindo Leal Filho foi ter profissionalizado o modo de produção do JUSP. Como seu sucessor, entrou o jornalista Luis Carlos Torcato que já trabalhava na produção do Pré-pauta – um boletim enviado para a grande imprensa. A partir dessa gestão, o *Jornal da USP* nunca mais voltou a ser dirigido por professores da ECA, mas sim por jornalistas contratados unicamente para esse propósito.

Justamente por não ser docente e por ter assumido a direção do JUSP após duas crises políticas desencadeadas pelas informações divulgadas pelo jornal, Luis Carlos Torcato procurou não criar conflitos com a Administração da Universidade. Mantém o modelo de impressão adotado, continuando a fazer uso dos serviços da Imesp e reduz o tamanho das matérias. As manchetes situam-se entre a mensagem oficial e o serviço à comunidade, e ficam bem longe de assuntos polêmicos.

A partir da edição de número 49, o *Jornal da USP* começa a ter 12 páginas (quatro a mais do que vinha tendo desde que passou a ser semanal).

Mais uma vez, a apresentação gráfica do JUSP muda no exemplar número 68, de 31 de outubro a 6 de novembro de 1988. Ainda sem encontrar uma identidade visual consistente, o *Jornal da USP* vai sofrer várias outras experiências estéticas.

O número 100, de 3 a 9 de julho de 89, circulou anunciando novidades: o JUSP deixaria de ser diagramado e impresso na Imesp e voltaria à USP. Na época, a Divisão de Artes Gráficas da CODAC tinha um grande estoque de papel jornal com o corte de 64 x 48cm. E assim, não por uma questão de estética ou funcionalidade, o *Jornal da USP* adotou o padrão francês (*Le Monde*) – formato que mantém até os dias de hoje.

Em 27 de novembro de 1989, é criada a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) para substituir a antiga Coordenadoria de Atividades Culturais (Codac), fundada em 1973. Órgão de direção e serviço diretamente subordinado à Reitoria da Universidade de São Paulo, a CCS, pelo estatuto da universidade, tem como principal atribuição “estabelecer diretrizes de uma política global de comunicação, bem como coordenar todos os serviços oferecidos nessa área pela Universidade”. Essa mudança, mais do que uma mera troca de nomes, fazia parte de um projeto de modernização dos instrumentos de comunicação social da Universidade. Dentre eles o *Jornal da USP*.

Com a posse de um novo reitor, Roberto Leal Lobo, em 9 de janeiro de 1990, Luis Carlos Torcato, que tinha feito amplo trabalho de aproximação com a Reitoria, foi convidado a deixar seu cargo para trabalhar no gabinete da Reitoria, como assessor de imprensa. Essa foi a primeira e única vez que o diretor de jornalismo saiu da frente do JUSP sem grandes traumas. Este é também o fim de mais um ciclo para o veículo.

A edição número 128, de 5 a 11 março de 1990 traz no expediente o nome de Maria Lúcia Carneiro, jornalista vinda do *Jornal da Tarde* que assume a Divisão de Editoração e



Jornalismo da Coordenadoria de Comunicação Social / USP, a qual está subordinado o JUSP. Com a proposta de reformular em profundidade os aspectos visual e redacional da publicação, Maria Lucia imprime gradualmente seu estilo, alinhado com o paradigma a linguagem gráfica usada pela imprensa mundial: mais imagem e mais área branca.

Era, então, estabelecida a identidade do *Jornal da USP*. E não foi apenas a reflexão teórica que possibilitou essa ocorrência. Houve também motivos práticos para tal. Maria Lúcia também profissionalizou a seção de arte. Uma de suas resoluções foi designar um diagramador, Argeu Afonso Godoy, e dois arte-finalistas para cuidar exclusivamente do veículo universitário. Nunca, até então, havia se experimentado esse modelo. E até hoje, geralmente, as publicações universitárias não contam com uma redação fixa para sua elaboração.

A profissionalização do processo de produção do *Jornal da USP* consolidou-se durante os anos que se seguiram.

A tiragem de 20 mil exemplares passou a ser distribuída às segundas-feiras em diversos pontos da Universidade. Nesse período, a distribuição do JUSP começou a contemplar os 400 maiores empresários do país, algumas entidades representativas do comércio e da indústria, bem como cerca de 200 editores de jornais, revistas, tevês e rádios em todo o Brasil. O jornal também passou a ser distribuído também aos gabinetes ministeriais, às secretarias estaduais e municipais e aos representantes da Câmara Municipal, da Assembléia Legislativa e do Congresso.

Sob a direção de Maria Lúcia Carneiro, o *Jornal da USP* claramente procura uma aproximação com o público discente. Seu discurso visual se parece muito mais com os alunos – tanto que em algumas vezes chega a ser produzido por eles – do que aos docentes.

O grande objetivo proposto para o JUSP nessa fase era torná-lo um veículo lido. E além desse objetivo, o *Jornal da USP* conquistou uma visibilidade que foi além dos portões do campus. Uma prova disso foi o prêmio de Diagramador do Ano concedido pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo.

A tentativa de aproximação com o público discente, contudo, não foi bem recebida pelo público docente. E para manter sua autonomia, o foco do JUSP firmou-se sobre as questões externas à Universidade, deixando definitivamente para o *Jornal do Campus* – jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes – o papel de se comunicar com os alunos.

Porém, os fatos que ocorreram na Universidade em agosto de 1993 não podiam ser ignorados: Roberto Leal Lobo, quase no fim de seu mandato, foi o primeiro reitor a renunciar a seu cargo na USP e Ruy Laurenti, o vice-reitor, abdicou de sua candidatura à reitoria para garantir a estabilidade da instituição.



A redação do *Jornal da USP* só soube da renúncia do reitor pela *Folha de S. Paulo*, que já havia recebido uma nota da Assessoria de Imprensa da Reitoria. Diante dos fatos, a Direção do JUSP decidiu iniciar a produção de uma edição extra sobre a crise na Reitoria – edição extra que não se concretizou segundo denúncias na edição nº 259 (JUSP - 9 a 15 de agosto de 1993, p.3) porque o novo reitor, Ruy Laurenti, e o coordenador da CCS, Prof. Dr. José Sebastião Witter, se posicionaram contra a publicação.

Obviamente, como consequência da publicação dos textos que mencionavam a censura ao *Jornal da USP*, por parte do Coordenador da CCS, a pedido da Reitoria, deu-se a saída de Maria Lúcia Carneiro, da direção do veículo, e do Prof. Witter, do cargo frente à Coordenadoria de Comunicação Social.

A partir da edição 267 (18 a 24 de outubro de 1993) José Guilherme Ferreira, jornalista da redação do JUSP, tornou-se o diretor da Divisão de Editoração e Jornalismo. E a mudança da linguagem visual é inegável. A capa do *Jornal da USP* volta a exibir várias chamadas e fotos. O branco do suporte é esquecido. Como resultado da profusão de imagens e textos, as capas ficaram muito semelhantes umas às outras. Uma descaracterização do projeto gráfico implantado em 1990 que estabelecera uma diagramação limpa. Mais uma vez, adota-se a inserção de grande quantidade de informação em detrimento da fruição das mensagens.

Ao observarmos os exemplares dessa gestão, podemos perceber que a criação da identidade visual do *Jornal da USP* e sua qualidade gráfica eram obras autorais. Com a saída da autora do projeto gráfico, a diagramação e o conteúdo da mensagem visual ficaram comprometidos.

A primeira edição de 1994 traz no expediente o nome do professor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFLCH) e jornalista André Singer como coordenador da CCS. Essa é a primeira vez que a Coordenadoria de Comunicação Social é coordenada por um professor formado em Comunicações.

Em abril de 1994, Argeu Afonso Godoy deixa o cargo de diagramador do *Jornal da USP* – duas semanas antes de outra crise que veio a se desencadear na redação. Em março de 1994, a mídia paulistana denunciara seis pessoas por envolvimento no abuso sexual de crianças alunas da Escola Base, no Bairro Aclimação, em São Paulo. O fato simplesmente não existiu, mas a mídia, em vários momentos e veículos, exagerou e liquidou projetos profissionais e pessoais dos acusados, todos mais tarde inocentados. O *Jornal da USP* também se envolveu na polêmica. A edição de número 281, de 18 a 24 abril de 1994, publicou na seção “Quadrinhos”, p. 11, uma tira – assinada por Nigro – que ilustrava o playground de uma escola infantil. Debaixo do letreiro “Escola Base”, via-se a ilustração de personagens da Disney – Pateta, Pato Donald, Mickey Mouse – e de Maurício de Sousa Produções – Mônica, Cebolinha, Cascão – mantendo relações sexuais entre si, nas mais variadas posições. O mau gosto da tira diante de uma situação tão delicada quase acarretou alguns processos contra o



JUSP por uso indevido dos personagens infantis. E, efetivamente, promoveu a saída de José Guilherme R. Ferreira.

A edição de número 285, de 16 a 22 de maio de 1994, trouxe no expediente o nome do jornalista Marcello Rollemberg como novo diretor de Editoração e Jornalismo da Coordenadoria de Comunicação Social. A edição de número 287 (de 30 de maio a 5 de junho de 1994), foi produzida por uma equipe reduzida que furou a greve deflagrada naquela semana. Devido a problemas estruturais e à ação dos grevistas, decidiu-se, porém, não produzir mais o JUSP enquanto durasse a paralisação.

Durante o mês de julho, período de férias dos estudantes, o *Jornal da USP* não circulou. Nesse período, o coordenador da CCS, André Singer, foi convidado a assumir o cargo de redator-chefe da revista Superinteressante da Editora Abril e em seu lugar entra o Prof. Dr. Celso de Barros Gomes, do Instituto de Geociências.

Esteticamente, o JUSP voltou a apresentar ilustrações conceituais na capa e diminuiu o número de manchetes. Geralmente, era inserida uma chamada principal e duas ou três secundárias. Nessa época, o reitor Flavio Fava de Moraes também passou a frequentar mais as capas do JUSP – seja em imagem, seja em texto.

A capa festiva da primeira edição de 95 antecipa uma comemoração: em junho, o *Jornal da USP* completa dez anos de existência. Na época, o Museu de Arte Contemporânea (MAC) promoveu uma mostra com mais de 100 capas do jornal. A partir de sua edição 397 (1997), o *Jornal da USP* ganhou uma versão on-line, no endereço www.usp.br/jorusp.

Pesquisa e conhecimento

Em setembro de 1999, alunos da disciplina Pesquisa de Opinião Pública do curso de Relações Públicas da Escola de Comunicações e Artes da USP, coordenada pela professora Heloiza Matos fizeram uma pesquisa sobre o JUSP. Foram 430 entrevistas com alunos (graduação e pós-graduação), professores, funcionários de níveis técnico e superior que trabalham em instituições de ensino e pesquisa, centros e institutos especializados, hospitais e serviços anexos, museus e órgãos centrais de direção e serviço localizados no campus Butantã. A pesquisa, cujo questionário para as entrevistas pessoais foi previamente discutido com a Coordenadoria de Comunicação Social, apresentou os seguintes resultados:

- 78% dos entrevistados conhecem o JUSP, índice superior ao de qualquer outro veículo de comunicação da USP. O nível de conhecimento do JUSP é maior entre professores e funcionários (88% e 83%) do que entre alunos (72%).
- A frequência de leitura do JUSP é maior entre professores (58% lêem semanalmente) e entre funcionários (42%) do que entre alunos (22%).
- 68% dos entrevistados afirmaram ter facilidade para encontrá-lo.



- Quanto à aparência, há aprovação clara quanto a ilustrações/ fotos e apresentação gráfica.
- Há críticas de que faltam temas polêmicos e os funcionários reclamam maior presença de temas que lhes digam respeito imediato, ou assuntos não acadêmicos.

A professora Heloiza Matos concluiu que, embora amplamente conhecido, as respostas mostram uma baixa identificação do leitor com o jornal.

O ano de 1999 ainda reservou mais uma notícia: o Prof. Dr. Celso de Barros Gomes se desliga da Coordenadoria de Comunicação Social e, em seu lugar, assume a Profa. Dra. Cremilda Medina, jornalista e professora titular da ECA.

A primeira edição de 2000 é a de 499. A segunda a 499A. Explica-se: a redação reservou o número 500 para a edição de 21 a 27 fevereiro, a semana de início das aulas. O momento seria festivo, 500 números de jornal coincidindo com as comemorações dos 500 anos do Brasil. Porém, aconteceu uma fatalidade: Rodolfo Mengel, jornalista do JUSP desde 1988, faleceu vítima de um ataque cardíaco no dia 17 de fevereiro. O *Jornal da USP*, enlutado, saiu em preto e branco trazendo uma matéria com o panorama da imprensa universitária no fim do século XX. Segundo o texto de Mariana Ferreira, durante dois anos, a redação do *Jornal da USP* empreendeu uma pesquisa com mais de 60 jornais universitários de todo o Brasil. E concluiu que “a maioria das publicações, principalmente de instituições privadas, estava mais interessada em informar os eventos internos do que ligar a produção científica aos assuntos que dizem respeito a toda a população”. (JUSP, 2000, p. 13) Essa edição também contava como é o *Jornal da USP* por dentro: uma redação composta por 22 pessoas, entre repórteres, revisores, fotógrafos, diagramadores, secretária. A impressão dos 20 mil exemplares, feita pela gráfica da Coordenadoria de Comunicação Social, leva três dias e três noites.

Em 2001, três temas estiveram muito presentes nas capas do *Jornal da USP*: a crise energética (edições 544, 551, 554, 555 e 556) o atentado às torres gêmeas (edições 567, 568, 569, 570 e 571) e a eleição para reitor (edições 571, 572, 573, 574, 575, 576 e 577).

O ano seguinte, sem atribuições na universidade, o *Jornal da USP* teve a oportunidade de mudar a sua cara mais uma vez. As mudanças vieram gradualmente, alternando o projeto gráfico antigo com novas experimentações. Até a edição 608, na qual se consolidou o uso de uma nova malha de quatro colunas. As primeiras páginas do JUSP, nesse momento, passaram a privilegiar o texto em detrimento de imagens. As ilustrações, antes conceituais e simbólicas, foram substituídas por fotos jornalísticas. O layout do jornal se afastou das capas dos cadernos de artes e cultura e se aproximou mais da linguagem visual da primeira página dos jornais de grande circulação. E essa aproximação não aconteceu por acaso. Como já foi dito anteriormente, a expressão visual é uma linguagem, construída de acordo com o repertório do autor. No caso em questão, da autora. De 1999 a 2006, a Coordenadoria de Comunicação



Social teve à sua frente Cremilda Medina, jornalista que trabalhou no *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e *TV Cultura*. Faz todo o sentido que o jornal que estava a ela subordinado repetisse os modelos estéticos conhecidos. E essa não foi a primeira vez que isso aconteceu nesse veículo.

O ano de 2004 termina com o padrão visual de quatro colunas totalmente estabelecido. E o *Jornal da USP* continua até os dias de hoje fazendo referências gráficas aos estilos consagrados na grande imprensa. Uma linguagem que todo e qualquer leitor de jornal está acostumado a conviver. Mais informativo e menos simbólico, o veículo se adaptou novamente aos anseios de quem o comanda. Com a entrada do geógrafo Wanderley Messias da Costa como novo coordenador da CCS, essa estética foi preservada. Diferentemente dos cinco primeiros anos de sua existência, graças à constância nos cargos de direção, as mudanças no jornal não foram bruscas nem descaracterizaram a imagem já consolidada.



Exemplos das mudanças experimentadas pelo JUSP em mais de vinte anos

Considerações finais

São várias as nuances que compõem o quadro que representa o jornalismo universitário institucional. No caso do *Jornal da USP*, as tintas impressas oscilam em dicotomias comuns ao jornalismo em geral – a saber, as relações entre espaço público e espaço privado, deveres e



direitos, determinismo e liberdade – e são ainda acrescidas pelos valores arraigados da Universidade de São Paulo, uma instituição fundada, segundo Florestan Fernandes, para ser “um meio de concentrar os talentos e uma forma institucional de fornecer às elites, econômicas e políticas, alternativas práticas de preparação pessoal de alta qualidade intelectual de profissionais liberais e administrativos, pessoal docente de vários níveis, meios refinados de renovação da dominação cultural e ideológica, etc.” (FERNANDES, 1984, p. 42).

A USP foi concebida como uma universidade das elites voltada para as elites. Na verdade, não só a USP. Desde seu surgimento no século XIII, a instituição universitária é destinada a poucas cabeças pensantes cuja principal missão é divulgar o saber. Como várias atividades humanas, o desenvolvimento do raciocínio e de concatenações lógicas para a elaboração do pensamento abstrato demandam aptidão e muita dedicação. Florestan diz que “o que ocorre com a USP não é um ‘caso particular’. A USP é o paradigma”. (FERNANDES, 1984, p. 39).

Sendo assim, o adjetivo “elitista” se encaixa perfeitamente à Universidade de São Paulo. E o que vemos, em mais de 15.000 páginas impressas nesses vinte e quatro anos de história do JUSP, é que em seus bastidores a Universidade é ainda mais elitista. O poder está concentrado nas mãos do corpo docente, ocupante exclusivo dos cargos mais altos da administração da universidade. Aos funcionários cabe a designação de servidores não-docentes, ou seja, são denominados por aquilo que não são, professores. Apelando à Lógica formal, temos uma categoria com propriedade (ser docente) e uma outra sem propriedade – fica explícito na linguagem verbal o grau de importância. Parece uma simples questão de nomenclatura, mas não é – ainda mais se tratando de uma instituição que se orgulha por primar pelo rigor científico.

Curiosamente, o Jornal só pode existir porque o Brasil experimentou uma abertura política e a democratização do país. Não foi à toa que Luis Carlos Torcato, diretor do *Jornal da USP* de 1988 a 1990, em sua fala à edição especial de dez anos do JUSP, perguntou: “Uma universidade pública como a USP deve ou não manter um jornal?” E ele mesmo responde:

“Depois de dez anos de existência, o *Jornal da USP* demonstra que esta questão, levantada algumas vezes em períodos de escassez de recursos, hoje não se sustenta, principalmente se entendida, a comunicação em sua forma mais ampla, como instrumento fundamental de uma política definida de democratização da informação e do conhecimento.” (JUSP, 1995, p. 3)

Hierarquicamente subordinado ao coordenador da Coordenadoria de Comunicação Social, um cargo de confiança do reitor, o *Jornal da USP* foi criado para ser uma janela da Universidade, um mediador entre a Universidade e a Sociedade. Logo, ele é mais que um *house organ*, é antes de tudo um veículo com forte compromisso institucional com a USP e tudo o que ela significa para a sociedade.



Composto e dirigido, desde 1988, por uma redação de servidores não-docentes – um dos raros casos de jornal universitário que mantém uma redação permanente –, o JUSP, evidentemente, não está à margem do sistema de castas estabelecido na USP. E para seus profissionais exercerem sua função dignamente, o Jornal teve que se aproximar dos cadernos de ciência e cultura da grande imprensa, afastando-se dos temas internos polêmicos para prestar um serviço à comunidade e privilegiando assuntos de interesse geral e as artes e a cultura, – além, é claro, de empreender a divulgação de pesquisas acadêmicas. Esta linha editorial minimiza as tensões com a Reitoria e garante certa autonomia ao veículo. Se “com o afloramento das tensões no jornal suas fases tornam-se mais curtas, refletindo rupturas no quadro de produção do veículo...”, (LEAL FILHO, 1990, p.136) sem tensão, a equipe tem tranquilidade para executar seu trabalho.

Obviamente, como o discurso gráfico é linguagem, a preferência por esse tipo de conteúdo se reflete também em sua apresentação visual. A começar pelo lettering: a fonte escolhida para compor o logotipo do Jornal é a Garamond – uma fonte clássica com serifa. Seja com ilustrações conceituais ou fotos ilustrativas, o design gráfico do *Jornal da USP* também não procura causar tensões pois não mostra as tensões. Antes, busca expressar visualmente uma estética que a elite uspiana está acostumada a decodificar. Foi assim que o Jornal estabeleceu sua identidade visual: o *Jornal da USP* é o jornal da USP.

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. As formas do conteúdo. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974.

FERNANDES, Florestan. A Questão da USP. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA JUNIOR, José. Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

LEAL FILHO, Laurindo. Universidade no jornal. 1990. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LEAL FILHO, Laurindo. A função do jornalismo universitário. *Jornal da USP online*. São Paulo, ano XIV, n.449, out. 1998. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/1998/jusp449/manchet/repcapal.html>> Acesso em 11 dez. 2004.

MOUILLAUD, Maurice. O Jornal, da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

JORNAL DA USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985-1987. Mensal.

JORNAL DA USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987-2004. Semanal.

JORNAL DA USP ONLINE Desenvolvido pela Universidade de São Paulo, 1997-2005. Apresenta todas as edições semanais do periódico *Jornal da USP*. Disponível em: <<http://www.usp.br/jorusp/>> Acesso em 11 dez. 2004.